

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



O SENTIDO DE RIBEIRINIDADE NA RELAÇÃO CIDADE-RIO

Percepções sobre a Feira do Açaí, Belém-PA

THE SENSE OF RIVERINITY IN THE CITY-RIVER RELATIONSHIP

Percepções sobre a Feira do Açaí, Belém-PA

EL SENTIDO DE RIVERINIDAD EN LA RELACIÓN CIUDAD-RÍO

Percepciones sobre la Feira do Açaí, Belém-PA

Leticia Martel Kuwahara¹

Cintia Geraldina Reis de Sousa²

Luiz de Jesus Dias da Silva³

RESUMO

A morfologia de porto e feira conjugados faz parte da história de formação das cidades amazônicas, em que os rios são os meios de condução dos fragmentos de cidades pautadas em uma rede hidroviária que as conecta, ocasionando as tipologias de espaços relacionados ao rio. Nesse sentido, essa pesquisa investiga as vivências ribeirinhas manifestadas na Feira do Açaí, localizada no complexo do Ver-o-Peso, Belém-PA. Para tanto, a observação direta, registro fotográfico e entrevistas abertas foram os principais instrumentos metodológicos utilizados, sob um olhar etnográfico acerca dos sentidos subjetivos e materiais que os sujeitos empregam ao espaço da feira, trazendo de seus locais de origem não só os produtos como também os modos de fazer e agir que fazem desta feira um limiar entre rural e urbano, como apontam diversas pesquisas sobre o Ver-o-Peso. Assim, os fragmentos encontrados através dos signos, falas e elementos comprovam a hipótese de sentido de ribeiridade, que significam a feira tal como tipologia aliada diretamente ao produto que vende e a nomeia.

PALAVRAS-CHAVE: Feira do Açaí, Complexo do Ver-o-Peso, Tipologia de Feira, Rede Urbana, Vivências Ribeirinhas.

ABSTRACT

The morphology of port and fair combined is part of the history of the formation of Amazonian cities, in which rivers are the means of transporting fragments of cities based on a waterway network that connects them, causing the typologies of spaces related to the river. In this sense, this research aims to investigate the riverside experiences manifested at the Açaí Fair, located in the Complexo Ver-o-Peso, Belém-PA. To this end, direct observation, photographic records and open interviews were the main methodological instruments used, under an ethnographic look at the subjective and material meanings that the subjects employ in the fair space, bringing from their places of origin not only the products but also the ways

¹ Universidade Federal do Pará | <https://orcid.org/0009-0005-7330-9820> | leticiakuwahara9@gmail.com

² Universidade Federal do Pará | <https://orcid.org/0009-0005-6886-5080> | ci.arquiteta@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará | <https://orcid.org/0000-0001-9037-508> | lids@ufpa.br

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



of doing and acting that make this fair a threshold between rural and urban, as various research on Ver-o-Peso points out. Thus, the fragments found through the signs, speeches and elements prove the hypothesis of a sense of riveriness, which signify the fair as a typology directly combined with the product it sells and names it.

KEYWORDS: Feira do Açaí, Complexo Ver-o-Peso, Street Market Typology, Urban Network, Riverside People Experience.

RESUMEN

La morfología de puerto y feria combinadas ellos son parte de la historia de formación de las ciudades amazónicas, en que los ríos seguen sendo el medio de transporte de fragmentos de ciudades a partir de una rede fluvial que las conecta, provocando las tipologías de espacios relacionados con el río. En este sentido, esta investigación tiene como objetivo investigar las experiencias ribereñas manifestadas en la “Feria de Açaí”, ubicada en el complejo del Ver-o-Peso, Belém-PA. Para ello, la observación directa, los registros fotográficos y las entrevistas abiertas fueron los principales instrumentos metodológicos utilizados, bajo una mirada etnográfica sobre los significados subjetivos y materiales que los sujetos emplean en el espacio ferial, trayendo desde sus lugares de origen no sólo los productos sino también las formas de hacer y actuar que hacen de esta feria un umbral entre lo rural y lo urbano, como señalan diversas investigaciones sobre Ver-o-Peso. Luego, los fragmentos encontrados a través de los signos, discursos y elementos prueban la hipótesis de un sentido de ribereña, que significa la feria como una tipología directamente combinada con el producto que vende y le da nombre.

PALABRAS CLAVE: Feira do Açaí, Complejo del Ver-o-Peso, Tipología del Fiera, Rede Urbana, Experiencias Ribereñas.

1 INTRODUÇÃO

Nas cidades margeadas pelos rios da Amazônia observa-se paisagens caracterizadas pelos simbolismos materiais das atividades socioespaciais entre os diferentes tipos de cidades: ribeirinhas, beira-rio e sub-regiões. Os rios como meio integrador da rede urbana regional são condutores e responsáveis pelo intercâmbio cultural, social e econômico, afirmando elos e/ou fragmentos materializados pela espacialidade dos diferentes contextos de usos e apropriações.

Esses espaços resultam em múltiplos territórios, personificados por “(...) um conjunto de objetos espaciais/geográficos, como armazéns, comércios, portos, feiras, trapiches e barcos (...)” (Trindade Jr, Silva, Amaral, 2008, p. 36) que compõem os espaços urbanos das beiras dos rios. Para Silva e Rodrigues (2016, p. 385) esses lugares são “como um limiar entre o rural e o urbano, entre os rios e a cidade”, resultando nos espaços de trocas entre as cidades amazônicas, os quais se materializam através das feiras livres à beira dos rios.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



Na cidade de Belém observa-se essa morfologia na margem da baía do Guajará através dos simbolismos materiais e imateriais vivenciados no Complexo do Ver-o-Peso, que sendo o principal entreposto comercial e portuário para o escoamento da produção de produtos naturais representa, de acordo com Sales (2014, p. 48), “parte de uma rede entre os espaços urbano e rural” e a continuidade das atividades realizadas nos “espaços geográficos insulares (...)” (Sales, 2014, p. 83). Nesse sentido, como parte desse complexo, a Feira do Açaí empreende uma dinâmica peculiar de organização, temporalidade e sociabilidades de ocorrência longeva e tradicional, como foi evidenciada ao longo da pesquisa.

A partir do entendimento de que as feiras são locais demarcados por territórios identitários e de sociabilidades, essa pesquisa reflete acerca desse lugar representativo de uma cultura tradicional e suas particularidades paisagísticas observadas através dos signos. De acordo com Cardoso (2019, p. 133) “A arquitetura das feiras caracteriza-se por essa imbricação forma-conteúdo (...)”, ou seja, os elementos que a compõem e os movimentos característicos revelam os traços de sua paisagem e tipologia. Assim, o objetivo deste artigo é elucidar o sentido de ribeiridade manifestado na Feira do Açaí através das narrativas, produtos, embarcações, sociabilidades e movimentos contínuos da dinâmica do açaí no espaço feira-porto.

O conceito de ribeirinho é abordado por Rente Neto e Furtado (2015, p. 159) referente ao indivíduo que está intimamente conectado ao movimento das águas e relaciona seu modo de vida às beiras dos rios. Por conseguinte, o “sentido” está atrelado a subjetividade observada também na paisagem, que traduz através das características materiais e laborais às particulares da feira nas práticas socioculturais ribeirinhas. Assim, o problema da pesquisa busca refletir quanto aos traços ribeirinhos presentes na Feira do Açaí, tendo em vista os aspectos: localização às margens da baía do Guajará, morfologia típica na relação das cidades amazônicas com o rio e a tradicionalidade desta feira.

Nesse sentido, muitas relações buscadas pela hipótese de existência do sentido de ribeiridade nesse fragmento urbano só se validam por meio da pesquisa etnográfica, em que segundo Uriarte (2012) se constitui em um estudo da experiência do outro a partir da experiência pessoal, através de processos cognitivos como deduzir e especular. Para tanto, essa pesquisa busca aporte teórico em Rente Neto e Furtado (2015) acerca das reflexões do ser ribeirinho e de ribeiridade como categoria de análise e expressão cultural.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



Assim, as evidências explícitas e implícitas que comprovaram o sentido de ribeiridade se deram através de diversas incursões a campo e o longo tempo de observação direta da dinâmica que culminaram em fotografias e relatos, pois como explica Uriarte (2012, p. 176) “A ‘sacada’ advém do tempo em campo”. A autora também afirma que só o tempo é capaz de provocar um duplo processo no pesquisador: “[...] por um lado, conseguir relativizar sua sociedade e, por outro, conseguir perceber a coerência da cultura do Outro” (Uriarte, 2012, p. 176).

Desse modo, as ferramentas de pesquisa utilizadas foram observação direta em dias e horários variados, fotografias que evidenciam simbolicamente esses traços de ribeiridade e entrevistas abertas que culminaram em três amostras de narrativas representativas que refutam as percepções e hipótese sobre o sentido de ribeiridade.

O ato de captar os fenômenos no momento em que ocorrem através das fotografias significa “interagir com outros onde eles estão e representá-los onde não estão” (Geertz, 2009, p. 171), que para isso é necessário que se tenha o que Geertz (1997) denomina de experiência próxima e experiência distante. Nesse sentido, emprega-se a experiência próxima às vivências cotidianas dos nativos, que são percebidas e concatenadas pelo etnógrafo através da experiência distante, que é ancorada nos conceitos e teorias estudados.

Portanto, essa pesquisa não busca utilizar-se da denominação “ribeirinho” como um estereótipo ou romantizar em uma construção cultural amazônica estigmatizada, mas compreender a construção social através da relação com o rio. Desse modo, a pesquisa etnográfica é capaz de perfazer quaisquer ensimesmamentos do pesquisador em relação ao objeto pesquisado, com o intuito de equilibrar as expectativas entre o território e as hipóteses de pesquisa.

2 A FEIRA COMO ESPAÇO LIMIAR DA REDE URBANA REGIONAL

A Feira do Açaí se constitui como um importante polo de chegada e comercialização do açaí *in natura*, espacialidade compreendida como central não só pela localização, mas também por “representar imagetivamente um lugar de fluxo, de intersecção entre o urbano e o rural” (Sales, 2014, p. 30), em que a função de feira e porto conjugados são o suporte intrarregional, parte de uma rede urbana moldada a partir dos rios.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



Nesse sentido, o contexto histórico de formação inicial das cidades amazônicas foi embasado no padrão de organização espacial *rio-várzea-floresta* (Gonçalves, 2012), em que segundo Cruz (2008, p. 49) o processo de ocupação aliado à geografia desses povoadamentos configurou os núcleos e, em processo concomitante, teceram a rede urbana diretamente relacionada ao traçado dos rios. Assim, as dinâmicas se moldam no curso dos rios, relacionadas ao extrativismo, com suporte espacial entre cidades e vilas, e conectadas através da figura do regatão, responsável por comprar do produtor e vender ou revender nas feiras, trapiches ou mercados (Cruz, 2008).

A produção agroextrativista presente na Amazônia e a necessidade de locomoção e infraestrutura relativa à cidade, são responsáveis pela estruturação de lugares destinados a receber esse deslocamento. Santos (2012) denomina essas formações espaciais como espaço e/ou estruturas intrarregionais, que se destacam pela relevância para as dinâmicas hídricas de deslocamentos, transportes e localizações, tendo o elemento hídrico como o meio para os fluxos de pessoas e cargas. Esses deslocamentos ocorrem de forma periódica, estabelecendo uma rede geográfica regional que se abrange para a escala nacional pelos eixos terrestre e fluvial.

De acordo com Villaça (2001) o espaço intraurbano está diretamente relacionado ao meio, às redes e articulações, assim como às dinâmicas de deslocamentos. Nesse sentido, compreende-se os espaços intraurbanos como intervenções de elementos, fenômenos ou estruturas, que se consolidam na cidade apresentando peculiaridades e diversidades, como é o cenário observado nos espaços feira-porto na região amazônica. Com isso, imprimem sobre os espaços, as urbanidades das várias amazônias diferenciadas da ideia restrita e estereotipada da floresta nativa, dos recursos naturais e do paradigma ecológico, que abstrai a produção do espaço pelos povos da região (Oliveira; Schor, 2008).

Ao mesmo tempo, naquelas cidades, em que a nova sociedade europeia reloca funções e pessoas através do espaço, imigração, marginalidade e contraculturas estarão destacadamente presentes, lutando pelo controle do território à medida que as identidades se tornam crescentemente definidas pela apropriação do espaço (Villaça, 2001, p. 32).

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



Acerca da rede hídrica formada pelos fluxos constantes observados na região Amazônica, Corrêa (2006) apresenta três condições mínimas para que se afirme de fato a existência de uma rede urbana: 1. A existência de uma economia de mercado entre um local de produção, e outro que não produz; 2. Espaço fixo destinado à negociação; 3. Articulação entre outros núcleos, a fim de escoar a produção e alcançar o mercado consumidor. E desse modo são configurados os espaços feira-porto nas capitais, em que:

A beira, assim, é um ponto de contato importante entre o rio e a pequena concentração urbana propriamente dita. Nela e a partir dela dispõe-se, de forma aparentemente caótica, um conjunto de objetos espaciais/geográficos, como armazéns, comércios, portos, feira, trapiches e barcos: estes últimos, de tipos, cores e tamanhos variados (Trindade Jr. et al., 2008, p. 36).

O rio também assume atribuições múltiplas, quase que vitais para a vida da população das pequenas cidades que, de acordo com o autor, assumem o caráter funcional, de subsistência material, lúdica e simbólico-cultural. Para além disso, Trindade Jr et al. (2008) afirma que existem fragmentos da face ribeirinha nas metrópoles e vice-versa, o que para Leitão (2010), Sales (2014) e Silva e Rodrigues (2016) são espacialidades que representam um limiar entre o rural e o urbano.

Nesse sentido, o complexo do Ver-o-Peso representa esse limiar por apresentar no ambiente da cidade, segundo Leitão (2010, p. 5), os aspectos rurais de vida e “sistemas tradicionais de trabalho”, os quais podem estabelecer dinâmicas de troca a parte das formas econômicas de mercado convencionais, mas que possibilitam a movimentação das produções locais. Ainda, a autora coloca que há também uma relação de troca entre as demandas, uma vez que os metropolitanos necessitam dos produtos agrícolas e extrativistas trazidos do ambiente rural, e por conseguinte a população ribeirinha, que vem até a cidade vender sua produção, também demanda por produtos comercializados na cidade.

Portanto, a partir dessas dinâmicas é possível observar a rede urbana consolidada, tendo a Feira do Açaí como espaço intrarregional que dá embasamento a essa rede, e funciona como uma espacialidade limiar sendo a entrada para a capital, Belém. Assim, abriga, material e imaterialmente, o interior e os traços rurais, garantindo a perenidade das atividades tradicionais que garantem a sustentabilidade das populações que vivem às margens dos rios.

3 O SENTIDO

Para buscar o sentido utiliza-se do entendimento das ambiências urbanas, revelando através da experiência do lugar a atmosfera circundante e os aspectos que envolvem o “estar lá” (Geertz, 2009), investigando também o sujeito subjetivado pelas cargas sensíveis, memórias e sociabilidades, que na reflexão sobre a ribeiridade traz esses aspectos envolventes ao rio e aos espaços à margem, como afirma Silva (2016, p. 55) “(...) a grande possibilidade que o rio cria de propiciar relacionamentos sociais, seja nas embarcações ou nos portos onde essas atracam, relações as quais resultam em sociabilidade”.

Para tanto, a ribeiridade é uma categoria de análise cultural citada por Rente Neto e Furtado (2015, p. 159), situada no espaço amazônico “(...) cujas convivência e articulação com a natureza estabelecem uma maneira de ser, agir e pensar muito íntima a esse meio natural”. Assim, os autores não buscam tipificar o ribeirinho apenas como sujeito rural, mas refletir quanto às dinâmicas particulares a sua localização geográfica que influenciam e estão diretamente relacionadas aos seus hábitos, sociabilidades e comportamentos.

Nesse sentido, são citados estudos que demonstram traços da expressão cultural ribeirinha também no meio urbano Amazônico, refletindo que, segundo Rente Neto e Furtado (2015), o vínculo com o rio é a principal referência para a qualificação da análise sobre a ribeiridade. Portanto, ao trazer essa denominação à pesquisa sobre uma feira peculiar ao espaço regional, entende-se que diversos fatores coadunam para a formação dessa paisagem, assim como dessa morfologia urbana característica da Amazônia, sendo de suma importância as memórias e sociabilidades estabelecidas nas relações entre os sujeitos de uma mesma cultura e tradição.

Dessa forma, Duarte et al (2023) relaciona o corpo humano enquanto portador de espaços e tempos a partir da memória, que é capaz de produzir narrativas e descrever lugares. Nesse processo, é possível destacar as tradições que levam a longevidade da Feira do Açaí em decorrência da reprodução de práticas tradicionais perpetuadas. A partir dessa perspectiva subjetiva, é possível estabelecer que a sociabilidade no ambiente de feira sustenta a configuração e o funcionamento das trocas comerciais que não se restringem ao aspecto econômico, como afirma Silva (2016), mas estabelecem também os laços sociais criados a partir das semelhanças entre histórias de vida, locais de origem, relações de trabalho e narrativas da vida cotidiana. Essas relações garantem o fluxo da produção do açaí, a preservação dessas práticas e, historicamente, a consolidação desses espaços feira-porto.

Junto a isso, os traços de ribeiridade são também entendidos a partir das categorias de Magnani (2002), como pedaço, em que o sujeito se aglutina próximo aos seus semelhantes, onde sente-se pertencente ao espaço, sendo um lugar de referência. Desse modo, também são estabelecidas as convenções organizacionais da feira através de comunicações compreendidas entre os sujeitos pertencentes ao pedaço, em que “compartilham os mesmos códigos” (Magnani, 2002, p. 23), o que consolidou o arranjo particular à Feira do Açaí.

Todos os aspectos apreendidos neste tópico foram investigados e evidenciados na pesquisa de campo através da etnografia e experiência perceptiva através das ambiências, a atmosfera do lugar e os fragmentos que fazem da feira um ambiente ribeirinho. Portanto, a partir da abordagem subjetiva dessa espacialidade foi possível “(...) experienciar a trama situacional e experimentar a contextualização sensível da vida social” (Duarte et al., 2023, p. 9), compreendendo os signos intrínsecos a essa paisagem.

4 DECODIFICANDO A PAISAGEM: OS SIGNOS RIBEIRINHOS NA FEIRA DO AÇAÍ

Eckert (2008) coloca a paisagem como um construto social regida por afetos e fruto das percepções criadas a partir daquilo que a imaginação permite, que se orienta também pela estética pois “Este princípio de visibilidade prolonga-se na palavra, que na sua ressonância narrativa dilata a percepção agora em uma paisagem narrada a qual faz vibrar as formas sensíveis” (Eckert, 2008, p. 1). Além disso, a autora coloca a paisagem como uma construção de memória, identidade e pertencimento, sustentada por um sistema de signos capazes de territorializar

A construção da paisagem na trajetória humana não se reduz a deixar reger-se por modelos culturais ou por a priori externos à consciência humana, mas de intenções afetivas, de motivações singulares que acomodam as sensibilidades potencializadas por um universo de signos e de imagens dando ritmo aos deslocamentos em nossos percursos, em nossa trajetória, circulando sentidos no nosso tempo pensado e vivido (Eckert, 2008, p. 2)

Dessa forma, a paisagem percebida se alia ao apreendido em interlocução com o corpo social apreendendo a atmosfera da feira enquanto um lugar com fortes fragmentos de uma face ribeirinha. A paisagem que se tem de quem chega até essas cidades por meio fluvial geralmente se compõe por um porto, cais ou trapiche, como afirmam Oliveira e Schor (2008). Desta forma, o porto materializa o fim e/ou o começo da cidade, como uma espécie de fronteira (Figura 1). Além disso, também é marca simbólica a presença de feiras, que são

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



o local de abastecimento e escoamento de produções, e também onde está centralizada a vivência entre diversos grupos sociais e trocas de experiências por ser um lugar de transição (Trindade Jr et al., 2008).

Figura 1. Espaço limiar de desembarque na Feira do Açaí



Fonte: Acervo dos autores (2024)

Por outro lado, ao avistar a Feira do Açaí a partir da Cidade Velha é possível perceber, através da Travessa Marquês de Pombal, que a primeira impressão é de um recinto soturno e perigoso, até que a visão se abre para a esplanada e as movimentações da dinâmica da feira aparentam confusão, mas logo se percebe que é uma confusão organizada e coordenada. Pois, no horizonte da Baía do Guajará, as embarcações enfileiradas, os trabalhadores na função descarregando as rasas de açaí e as dispendo de maneira organizada no chão, logo caracteriza a paisagem cultural que se compõe a “Feira do Açaí”, que também faz parte do imaginário da população belenense.

Existem diversas convenções e signos notados por nós e falados por eles durante as entrevistas, o que Eckert (2008) afirma representar singularidades e sensibilidades com referência às culturas e contextos da “trajetória humana”. Nesse sentido, essa paisagem está entrelaçada por signos, dentre os quais as diferenciações simbólicas das regiões de onde vem o açaí *in natura*, as tipologias e portes das embarcações, as rasas de açaí de cores,

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



pinturas e tamanhos variados, e a organização espacial na Feira, em que os trabalhadores agrupam por região as vendas, criando a espacialidade própria, o que eles afirmam ser cultural (Figuras 2 e 3).

Figuras 2 e 3: Disposição das rasas de açai e diferenciação das rasas de açai



Fonte: Acervo dos autores (2024)

Além disso, a temporalidade da feira no sentido de dependência direta das marés e a navegabilidade dos rios influenciam nas relações entre o coletivo de trabalhadores da feira, os quais sociabilizam como forma de enfrentamento ao longo tempo de espera e às madrugadas afóra de trabalho através de conversas, jogos, configuração de espaços de descanso com mesas, cadeiras, papelões, ou sentados na calçada na beira do rio, aguardando a chegada das embarcações com o açai (Figuras 4 e 5). Essa dinâmica é apontada por Cruz (2008) ao mencionar acerca de lugares configurados de acordo com um “tempo lento”, ainda relacionados a um modo tradicional, “ligada à lógica mais introvertida e endógena da divisão do trabalho e que tem como base o extrativismo e a pequena agricultura” (Cruz, 2008, p. 51).

Figuras 4 e 5: Trabalhadores em descanso



Fonte: Acervo dos autores (2024)

Em entrevistas abertas, conversas e observações, foi possível apreender as formas de arranjo, próprias, em que há uma diferenciação das embarcações que trazem açaí fresco, que vem de ilhas próximas, portanto com embarcações menores, e os que trazem o açaí com gelo, pois vem de mais longe, a exemplo de Macapá e região, com as embarcações maiores (Figura 6). Além disso, existem convenções do espaço que não foram combinadas ou demarcadas, mas que ocorrem de forma natural pela necessidade de organização e também através da comunicação não-verbal entre semelhantes, como categoriza Magnani (2002) enquanto pedaço.

Figuras 6: Diferenciação das embarcações



Fonte: Acervo dos autores (2024)

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



Em meio ao ritmo da feira, é possível observar as sociabilidades através das experiências contadas e trocas sociais são constantes, onde os agentes atuantes abrigam nesse lugar suas memórias, histórias de vida e tradições. Nessa perspectiva, em entrevista, um batedor de açaí explica como funciona a dinâmica de compra e venda do açaí, que pode chegar até a cidade através do barqueiro, marreteiro ou do próprio produtor ribeirinho. A função do marreteiro é comprar para a revenda e dessa forma, o marreteiro pode já ter o açaí de procedência predeterminada que costuma comprar, ou ele também pode passar a noite na negociação entre a venda aos batedores e compra.

Foi possível apreender as diversas dinâmicas bem como as histórias narradas em interlocução com os trabalhadores do açaí. Um produtor de açaí da Ilha das Onças, barqueiro e vendedor do açaí que produz, conta que frequenta a Feira do Açaí desde criança para acompanhar o pai que desempenhava a mesma função, que perpetuou o ofício, e, portanto, prefere não entregar sua produção ao marreteiro. Todos os dias ele executa o processo cíclico de tirar o açaí, organizar, navegar até Belém e vender, mantendo a tradição do pai.

Outra narrativa apresentada é de um ribeirinho, natural de Anajás que trabalha há 18 anos como carregador na Feira do Açaí, o qual recebe indicação de um familiar que já trabalhava na feira para que se mudasse para a capital para realizar esse trabalho. Nesse sentido, também tem o relato de um revendedor de açaí, com raízes familiares no Marajó, e afirma que toda a família trabalha na Feira do Açaí, sendo esta uma tradição iniciada com seu avô. Dessa forma, essas narrativas demonstram a longevidade da atividade assim como os traços tradicionais da ribeiridade que se salvaguarda nesse espaço limiar rural-urbano, reafirmando o que coloca Cruz (2008, p. 51):

(...) temporalidade e espacialidade continuam marcadamente simbolizadas pelo rio, com uma vida dinamizada pelas interações materiais, simbólicas e imaginárias diferenciadas com ele. Desse modo, o rio se apresenta tanto como meio de subsistência, comunicação e transporte (...)

Nesse sentido, as paisagens se moldam estabelecendo a espacialidade a partir da temporalidade, sendo não só relacionada à toponímia, mas também às relações socioculturais (Sales, 2014) apropriadas pelos usuários, resultando em múltiplos territórios, memórias, afetos e subjetividades arraigadas a relevância do que vem a ser a “Feira do Açaí” no imaginário da população local, como algo tradicional e de cultura ribeirinha, como afirma Leitão (2010, p. 4) acerca do complexo do Ver-o-Peso:

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



Não é difícil reconhecer ali um lugar estratégico de encontro entre a cidade e o mundo ribeirinho, traduzido pelas mais variadas mercadorias trazidas pelas embarcações que percorrem o emaranhado de vias fluviais e aportam neste ponto de convergência urbano.

Portanto, nota-se no espaço limiar, representado pela rampa onde são desembarcadas as rasas de açaí, a calçada da beira do rio, a qual funciona como espaço de sociabilidade latente e negociações do açaí e a área de disposição das rasas, onde de fato se consolida a feira propriamente dita, que há relação de ribeiridade também através das narrativas pessoais do corpo social. Além disso, os espaços insulares, referenciados por Sales (2014), são representados pela sociabilidade, organização das vendas, a diferenciação das rasas de açaí e nas embarcações, signos que coadunam para a representação do sentido de ribeiridade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certifica-se que as metodologias de investigação etnográfica, a partir da abordagem das ambiências urbanas permite apreender as significações inerentes a uma paisagem, tendo em vista o corpo sensível que a movimenta. No caso da espacialidade de feira, a qual se configura a partir das dinâmicas de deslocamento temporal e efêmero do corpo, seja ela nas relações comerciais ou adjacentes por se tratar de lugares abertos, a pesquisa se valida pela concatenação das percepções e interlocuções em campo.

Mais especificamente a feira em questão, que se trata de uma particularidade inerente a um espaço geográfico e a uma região, essas questões sensíveis do lugar tornam-se latentes em uma análise científica de caráter empírico, uma vez que arquitetonicamente ela se constitui a partir da materialidade dinamizada pelo elemento hídrico e sujeitos atuantes. E assim, a busca pelos signos e códigos é a forma de legitimação das questões de pesquisa, pautada pelas categorias trazidas pela revisão de bibliografia.

Dessa forma, essa espacialidade se compõe das relações de trabalho, semelhança de histórias e afetos ligados ao rio e, em consequente, a sociabilidade que coaduna toda a hipótese do “ser ribeirinho” enquanto feirante, barqueiro, marreteiro, carregador e maquineiro. Para além disso, os aspectos materiais também culminam para a paisagem vivenciada, a qual está inserida no imaginário cultural da capital paraense de forma atemporal.

Com isso, a Feira do Açaí apresenta outras urbanidades territorializadas no espaço, que ocorrem em paralelo como é o caso das manifestações culturais, que se desdobram

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



dada a sua representatividade enquanto feira de açaí inserida em um centro histórico, mas também por resistência a camadas históricas de espacialização do carimbó e do samba. Além disso, o espaço da feira é local de moradia para pessoas em situação de rua, os quais também trabalham na dinâmica do açaí.

Portanto, a toponímia “Feira do Açaí” enquanto atividade comercial perpassa por todas as outras atividades e eventos inerentes a esse espaço urbano, os quais se entrelaçam entre cidade e rio, ou seja, aquilo que é pertinente ao ambiente da cidade e o que são fragmentos ribeirinhos. Dessa forma, nota-se que há uma interdependência na relação cidade-rio, a qual é representada material e simbolicamente pela espacialidade da Feira do Açaí.

6 REFERÊNCIAS

CARDOSO, André Luiz Carvalho. Arquiteturas nas feiras ao ar livre: Intersubjetividade superfícies de contato e evento. In: DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; SANTANA, Ethel Pinheiro (Org.) **Arquitividades e subjeturas: metodologias para a análise sensível do lugar**. Rio de Janeiro: Rio Books, p. 121-135, 2019. Disponível em: < <https://lasc.fau.ufrj.br/public/editor/ARQUitividades%20SUBJETuras-E-BOOK-vFINALpara%20download.pdf>> Acesso em: 13 fev. 2025

CORRÊA, Roberto. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006.

CRUZ, Valter do Carmo. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: TRINDADE JR, Saint- Clair Cordeiro da; TAVARES, Maria Goretti da Costa (Org.) **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, p. 49-69, 2008.

DUARTE, Cristiane Rose; MIRANDA, Cybelle; PINHEIRO, Ethel; SILVA, Luiz de Jesus. **Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências**. Rio Books, 2023. Disponível em: < <https://lasc.fau.ufrj.br/public/upload/2023-04-17/9b22f8090655fc52d5fe0fa64ae81947.pdf> > Acesso em: 14 fev. 2025

ECKERT, Cornelia. As variações "paisageiras" na cidade e os jogos da memória. **Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais**. LAS, PPGAS,

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 20 (2008), 12 p., 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9294/5361> > Acesso em: 14 fev. 2025

GEERTZ, Clifford et al. **Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico**. O saber local, p. 85-107, 1997.

GEERTZ, Clifford. **Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita; Estar aqui: de quem é a vida afinal**. Obras e Vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, amazônias**. Editora Contexto, 2012.

LEITÃO, Wilma Marques. Mercado do Ver-o-Peso: práticas sociais no mundo do trabalho. In. LEITÃO, Wilma Marques (Org.). **Ver-o-Peso: estudos antropológicos no Mercado de Belém**. Belém: NAEA, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002.

OLIVEIRA, José Aldemir de; SCHOR, Tatiana. Das cidades da natureza à natureza das cidades. In: TRINDADE JR, Saint- Clair Cordeiro da; TAVARES, Maria Goretti da Costa (Org.) **Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: Editora da UFPA, p. 15-26, 2008.

RENTE NETO, Francisco; FURTADO, Lourdes Gonçalves. A ribeiridade amazônica: algumas reflexões. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 24, n. 24, p. 158-182, 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v24i24p158-182> > Acesso em: 14 fev. 2025

SALES, Josias de Souza. Etnografia de uma feira livre em Belém do Pará: consumo e circulação de produtos na Feira do Açaí e seus desdobramentos em temporalidades múltiplas. In. RODRIGUES, Carmem Izabel; SILVA, Luiz de Jesus Dias da; MARTINS, Rosiane Ferreira (orgs.). **Mercados populares em Belém: produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano**. Belém: NAEA, p. 73-87, 2014.

SANTOS, Emmanuel. Amazônia Setentrional Amapaense: do “mundo” das águas às florestas protegidas. **Tese de Doutorado**. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dossie.pnum.mar2025-5>



Tecnologia. Presidentes Prudente, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/101428> > Acesso em: 14 fev. 2025

SILVA, Luiz de Jesus Dias da. Pedra, redes e malha na circulação do pescado do Ver-o-Peso ao meio urbano de Belém. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Antropologia, Belém, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8883> > Acesso em: 14 fev. 2025

SILVA, Luiz de Jesus Dias da; RODRIGUES, Carmem Izabel. Pedra do Peixe: redes sociais na circulação do pescado do Ver-o-Peso para a cidade de Belém do Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v. 11, p. 581-599, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981.81222016000300003> > Acesso em: 14 fev. 2025

TRINDADE JR, Saint- Clair Cordeiro da; SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da; AMARAL, Márcio Douglas Brito. Das “janelas” às “portas” para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia. in TRINDADE JR, Saint- Clair Cordeiro da; TAVARES, Maria Goretti da Costa (Org.) **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008.

URIARTE, Urpi Montoya. **Podemos todos ser etnógrafos**. Etnografia e narrativas etnográficas urbanas. Redobra, Salvador, n. 10, 2012.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 1a Ed. São Paulo, Studio Nobel, 2001.

Todos os(as) autores(as) declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

Recebido em: 14/02/2025 | **Revisado em:** 15/02/2025 | **Aceito em:** 04/03/2025